

Seria possível afirmar a identidade sexual? O eu entre o narcisismo e as identificações bissexuais

Tatiana Lionço, Brasília*

A autora problematiza neste artigo a noção de eu como instância unívoca, considerando a concomitância entre a disposição ao narcisismo e as identificações bissexuais. Sustentada na noção de tensionalidade somat-psíquica, problematiza a idéia de identidade sexual, reconsiderando o lugar do corpo sexuado e do outro na determinação dos destinos da subjetivação. O atendimento psicanalítico de Junior ilustra a vinculação do corpo sexuado à dinâmica relacional com o outro e os impactos da experiência relacional no posicionamento do sujeito diante da complexa questão da diferença entre os sexos.

Descritores: Narcisismo. Bissexualidade. Identidade sexual. Diferença sexual. Identificações.

* Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília. Consultora Técnica para o Ministério da Saúde em ações de promoção da equidade na saúde da população GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais).

O eu é a instância psíquica que poderíamos denominar sede do conflito não apenas por estar em interface com as demais instâncias, que seriam o isso e o supereu, mas, justamente, por contar em sua própria constituição com planos de intersecção com as demais instâncias. Quando Freud (1923a) parte da primeira para a segunda tópica, fica claro que as relações entre o que é consciente (pré-consciente) e o que seria inconsciente se fazem fluidas e dinâmicas, sendo as três instâncias do segundo aparelho psíquico todas atravessadas por essa dupla condição, tramitando entre o consciente e o inconsciente.

Compreendendo que o eu não é dado ao sujeito humano, mas produzido em seu processo de constituição psicosssexual, cabe questionar, nos próprios desdobramentos do advento desta instância do aparelho psíquico, as condições em que seria, em si, constituído na base de uma lógica conflituosa. Enseja-se com isso assumir a noção de que o eu não é uma instância una e delimitada precisamente, que entraria em conflito com o que lhe seria exterior, mas justamente percorrer o alcance da proposição freudiana de que o eu teria como marca fundamental a cisão (Freud, 1940 [1938]).

Cabe ressaltar que a consideração teórica da questão do eu, em Freud, nasce com a reflexão sobre o narcisismo. O eu, ainda que venha a ser referido por Freud (1940 [1938]) como marcado por uma cisão em seu processo defensivo em relação às conseqüências da constatação da diferença entre os sexos, ganha espaço na teorização freudiana a partir da consideração da problemática narcísica, que, de início, podemos entender como recurso ou mesmo ascensão do aparelho psíquico à condição de organização de uma referência para as mobilizações e tramitações pulsionais, face ao anterior estado em que o corpo pulsional percorria apenas soluções psíquicas parciais, na base do auto-erotismo, da fragmentação e dispersão dos investimentos libidinais (Freud, 1914).

A constituição do eu, tal como apreendida pela psicanálise freudiana, sustenta esta dupla vertente em seu fundamento: 1) a da organização de uma referência psíquica que demarque fronteiras em termos de mobilidade nos investimentos libidinais (auto ou hetero-orientadas), operação própria ao narcisismo, mas também 2) a de um campo instituído nos processos identificatórios por elementos díspares e não necessariamente harmonizados em uma unidade, com especial destaque às moções parciais de investimentos pulsionais, associados a arranjos psíquicos não integráveis, como as identificações masculina e feminina, cindindo o eu em aspectos diferenciados em sua própria constituição.

Este artigo tem como objetivo problematizar a constituição do eu enquanto instância unívoca, justamente por ser uma instância do aparelho psíquico que

fundamentalmente se sustenta em uma tensionalidade.

A complexa questão da constituição egóica não será esgotada em todas as suas particularidades, tendo como eixo condutor de nossas argumentações a idéia de uma articulação-disjunção, nos processos de subjetivação, entendidos como processos de constituições psicosssexuais, das dimensões somática e psíquica. A suposta tensionalidade somatopsíquica, que qualifica a dinâmica dos processos de intersecção entre o corpo, em sua característica somática, e o psiquismo, em sua especificidade de agenciador de soluções às exigências pulsionais, orientará nossas reflexões acerca da constituição do eu.

Segundo a perspectiva da tensionalidade somatopsíquica, implicada nas soluções psicosssexuais que caracterizam os processos de subjetivação, reconhecemos o eu como uma instância complexa, que articula duas tendências fundamentais para a constituição do humano. Concomitantemente à pretensão narcísica de unificação pela imagem especularmente construída do próprio corpo (o eu como imagem corporal é apresentado por Freud em 1923a), o eu resta díspar ou fragmentário ao acolher, em sua constituição pelos processos identificatórios implicados no Édipo, aspectos de ambos os sexos, ou das diferenças sexuais entre a masculinidade e a feminilidade.

O narcisismo e o forjamento de uma imagem unificada do corpo

O narcisismo é o conceito freudiano que mais diretamente alude às estratégias psíquicas para sustentar um ordenamento para os caminhos da pulsão, já que remete à organização, unificação, integração, forjamento de uma unidade de referência para o sujeito humano que, de início e fundamentalmente, é marcado pela não integridade, ou, dito em outros termos, pela falta de uma garantia de resolução para a disrupção pulsional. Esta condição disruptiva, fragmentária do humano, abandonado que é pela garantia instintiva, natural ou predeterminada em seu corpo sexuado e pulsional, passa por desdobramentos, avançando na direção de ordenamentos, mas se mantém como uma constante na condição humana.

Mesmo após a publicação da importante obra de 1914, *Sobre o narcisismo: uma introdução* (Freud 1914), Freud (1916-1917), nas *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, ao apresentar sua teoria da libido e do narcisismo, sustenta ainda a distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu.

Com a discussão sobre o narcisismo, Freud (1914) propõe considerar a própria constituição do eu como sexual e não como instância de contraponto à pulsionalidade do corpo (tal como indicado no primeiro dualismo pulsional

freudiano, que contrapunha pulsões sexuais às pulsões de autoconservação/do eu).

O processo de recalque é o que, segundo Freud (1916-1917), permitiria supor uma diferença entre pulsões sexuais e pulsões do eu, denotando a não redutibilidade dos processos sexuais aos psíquicos, ainda que o psiquismo humano seja concebido como, ele mesmo, sexual.

Refletir sobre a condição narcísica como indicadora da tendência unificadora adotada como estratégia psíquica para oferecer caminhos ordenadores para a disrupção pulsional não implica, portanto, na desconsideração ou no abandono da característica de dispersão, abertura e não predeterminação que marca a condição pulsional do humano. Cabe recordar que a característica própria à sexualidade no humano, para Freud (1905), é seu caráter infantil, que implica na parcialidade e no polimorfismo perverso.

O desamparo radical nas origens do sujeito psíquico é indicado por Freud (1926 [1925]) em *Inibições, sintomas e ansiedade*, sugerindo ser o bebê carente de quaisquer recursos que lhe provessem os meios de lidar com a pulsionalidade que o toma corporalmente, lhe exigindo trabalho de tramitação para as exigências somáticas, conferindo ao mesmo um caráter de dependência em relação ao outro humano, que lhe prestaria cuidados e lhe ofereceria os meios pelos quais lidar com sua própria condição.

Nas origens, e fundamentalmente, o sujeito humano está fadado a se constituir como ser psíquico numa imersão relacional, o que situa a alteridade como marca fundamental de toda possibilidade de subjetivação. De início, portanto, não há o bebê, senão o bebê e a mãe (Winnicott, 1975). Não há sequer o bebê enquanto organização ou delimitação, mas uma abertura do ser humano à sua própria constituição, referenciado inevitavelmente à alteridade, ao outro humano.

Cabe ainda explicitar que a condição narcísica deve ser considerada em sua complexidade, já que, apesar de aludir justamente a uma dimensão de integridade, não há como sustentar a partir da perspectiva freudiana a suposição de uma unidade psíquica ou subjetiva, restando para a questão do narcisismo a necessidade de melhor indicar as nuances pelas quais operam os processos de subjetivação, em sua disposição à busca da sustentação de uma referência unitária, diante dos obstáculos e impedimentos que se lhe apresentam no decorrer das experiências relacionais.

Com os avanços psíquicos, operados na relação com o outro, em termos de sua organização, forja-se a referência para o ser humano de uma unidade de si delimitada em relação ao outro. Esta operação, que por ora foi indicada em sua operacionalidade pelo verbo *forjar*, é a própria instituição, pela condição narcísica, da instância egóica, que reflete a possibilidade de uma maior organização dos investimentos libidinais.

O verbo forjar é apropriado para aludir à operação narcísica, já que carrega um duplo sentido, segundo o Aurélio Ferreira (1988): forjar é conferir forma, maquinar, mas ao mesmo tempo é imaginar, maquinar no sentido de precipitar uma forma, idealizá-la, não necessariamente conferindo estatuto de concretude ao que é produzido.

A condição narcísica implica na possibilidade da realização de investimentos objetivos que demarcam a distinção entre uma auto-referência e uma hetero-referência, levando Freud (1914) a diferenciar uma libido do eu de uma libido de objeto. O narcisismo requer uma nova ação psíquica sobre a condição mais arcaica do auto-erotismo, que carregava a marca da sexualidade infantil em seu caráter originário, ou seja, parcial e polimorfa. Esta nova ação psíquica requerida para os investimentos narcísicos e hetero-orientados (ao outro como objeto total, e não mais apenas parcial) é o eu.

A questão da constituição do eu é considerada por Lacan (1966), em *O estágio do espelho como formador da função do eu*, como situada

Numa linha de ficção, para sempre irredutível para o indivíduo isolado – ou melhor, que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver, na condição de eu, sua discordância de sua própria realidade (p. 98).

No momento primário de sua constituição, na conformação do que se denomina *eu ideal* ou narcisismo primário, a criança precipitar-se-ia da insuficiência para a antecipação, especularmente, “desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica” (Lacan, 1966, p. 100).

Essa ortopedia de si, operada pela identificação especular, nos permite pensar na constituição do eu como reparadora do desamparo ao qual é largado o corpo humano. Reparação essa, no entanto, que não faria mais do que instaurar uma nova condição em que o sujeito humano se encontraria à mercê do estilhaçamento ou fragmentação.

A idéia de ortopedia nos parece de especial interesse por denotar a disjunção ou a hiância¹ que a instituição da organização narcísica impõe à subjetivação. Se é possível que o psiquismo produza representacionalmente tentativas de organização ou continência para o corpo, essa pretensão não é efetivada, já que o corpo fragmentado, esse corpo a que a representação imaginária buscou apaziguar

¹ O termo *hiância* é adotado para aludir a um intervalo necessariamente interposto entre termos díspares, relegando-os à não coincidência e marcando-os por uma diferença insuperável.

e delimitar, resta em sua dispersão e vem impelir a instância do eu a lidar com exigências somáticas de elaboração psíquica. Isso porque, como já salienta Lacan (1966), o eu se manterá como instância que terá de se haver com impulsos que lhe serão perigosos, no sentido de colocarem sua pretensa unidade em questão.

A organização forjada na instituição do eu pelo narcisismo não ultrapassa a condição de parcialidade do auto-erotismo, mas, segundo Freud (1914), a ela acresce a possibilidade de integrar moções pulsionais parciais em investimentos mais globais, seja em relação aos objetos, seja em relação a si próprio. Esta dinâmica inerente ao próprio eu deve ficar clara: trata-se de uma instância psíquica complexa, que conjuga a unidade à dispersão.

A delimitação do sujeito humano em termos de uma unidade passível de investimentos libidinais não significa que essa condição unificada seja garantida para o sujeito psíquico. Freud (1914) nos permite supor que a instituição do narcisismo implica em uma pretensão e em sua não consecução, já que do eu ideal insustentável se desdobrará a possibilidade da permanência da pretensão unitária em termos de uma idealização. O ideal do eu se mantém sempre como referência e nunca como condição real, restando o eu carente e faltoso em relação à sua pretensão de integridade.

A não consecução do ideal narcísico como conseqüência da ferida decorrente da condição sexuada do ser humano

Antes da constatação da diferença sexual, a criança acolhe enquanto percepção de si mesma características de ambos os sexos. Assim, nas teorias sexuais infantis, não há percepção da diferença entre os sexos, senão apenas a constatação de uma diferença entre o gênero masculino e o feminino, entre meninos e meninas, homens e mulheres.

O reconhecimento de uma diferença entre os gêneros ou entre meninos e meninas não passa pela constatação da diferença anatômica entre os sexos, podendo-se referir a diferenças comportamentais e estéticas (vestuário, corte de cabelo, atividades e objetos lúdicos).

As teorias sexuais infantis atestam este mascaramento operado pelas crianças quanto às efetivas diferenças entre os corpos sexuados de meninas e meninos. Freud (1908) sugere que, largadas a si próprias na tarefa de estabelecerem uma compreensão a respeito da origem dos bebês, bem como pela curiosidade do que se passa entre os adultos quando a sós, as crianças elaboram “falsas teorias”, mas que “contêm um fragmento de verdade” (p. 195). Segundo Freud (1908),

as crianças seriam impulsionadas menos por um esforço intelectual do que pelas exigências mesmas da sua constituição psicosexual, buscando conferir sentido às suas experiências relacionais bem como às suas vivências de satisfação.

A primeira das três teorias sexuais infantis, decorrente do desconhecimento da diferença entre os sexos, é a de que todos teriam pênis, inclusive as mulheres.

Para Freud (1908), o clitóris, na primeira infância, desempenharia o mesmo papel do pênis, sendo a excitabilidade genital, e as satisfações encontradas para lidar com a mesma, comum a ambos os sexos. Esta teoria sexual infantil seria tão forte que dela derivaria uma outra, a de que meninas teriam pênis pequenos, mas que posteriormente iriam crescer e se igualar aos dos meninos. O órgão sexual é, pelas próprias crianças, dotado de um valor, que é o da efetivação de uma vazão satisfatória às excitações que tomam o mesmo. Este valor atribuído reveste o sexo de um caráter fálico, simbólico, que pode, então, estar presente ou ausente, tanto para meninas quanto para meninos.

A travessia da sexualidade infantil à adulta implicaria dois processos paralelos: do auto-erotismo para o amor, implicando os desafios da escolha do objeto de investimento libidinal, e a passagem da ignorância da diferença sexual à sua constatação, cujos processos agenciadores seriam o complexo de castração em associação ao complexo de Édipo.

Freud (1923b) nos indica que desde a infância já se operam a escolha de objetos de investimento, bem como a organização da sexualidade em torno da genitalidade. A diferença entre a sexualidade infantil e a adulta residiria em que a sexualidade infantil só reconheceria um órgão sexual, o pênis. A característica marcante da sexualidade infantil, no entanto, não reside no pênis-órgão, mas no caráter fálico da possibilidade de usufruir as tramitações das pulsões por esses órgãos que, provavelmente pela excitabilidade que os caracterizam, permitem efetivar intensas descargas para a soma de moções pulsionais que se articulam em torno do mesmo.

O pênis das teorias infantis teria como referência, no corpo de meninos e meninas, suas próprias genitálias, apesar de ainda não haver o reconhecimento de um sexo propriamente feminino. Ambos, meninos e meninas, por disporem de experiências de excitação e satisfação em seus órgãos genitais, confeririam o mesmo valor ao sexo, que, antes da constatação da diferença sexual, restaria único: o pênis, ou o que ele representaria, o falo.

Sendo a própria mãe dotada de pênis, imaginariamente, a criança cria uma segunda teoria sexual, para dar conta do enigma do nascimento dos bebês. Desconhecendo a vagina enquanto órgão genital diferenciado, as crianças supõem que os bebês nasçam por evacuação. Sendo o ânus um orifício corporal comum

a ambos, meninos e meninas, os meninos também podem acreditar poder gerar crianças, como suas mães, restando a diferença sexual encoberta e a distinção de gênero contingencial (Freud, 1908).

Diante da ignorância da diferença entre os sexos, é requerido um processo que intervenha nesta crença, a fim de abrir caminho para o reconhecimento de uma hiância entre os seres, uma não equiparação, uma diferença radical, o que permitirá que a relação objetal se torne fonte privilegiada de investimentos libidinais, já que agenciam a possibilidade de articular a ausência ou falha (efeito da castração), a uma presença ou à promessa do encontro de um objeto que venha acrescer uma possibilidade de vazão para as pulsões. Ainda, a teoria sexual infantil que concebe o coito como ato sádico do participante mais forte sobre o mais fraco (Freud, 1908) denota a possibilidade de que, a partir do estabelecimento de uma diferenciação entre o sujeito e os objetos, a relação sexual seja um processo complexo em que as tramitações pulsionais estabelecem canais de investimento e escoamento através da lógica das relações objetais, nas quais a diferença sexual pode vir a ganhar sentidos em termos de atividade/passividade, presença/ausência.

O não reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos permite às crianças a não restrição de seus processos identificatórios aos membros do sexo a que pertencem, oscilando e colhendo os proveitos de imaginariamente serem como o pai e como a mãe. O processo de consolidação de uma *identidade sexual*, ou da convicção de ser homem ou mulher, é, portanto, sujeito aos percalços das constituições psicosexuais, implicando o modo como a criança, na própria constelação edipiana, significa as posições dos pais, bem como na posição que lhe foi dada ocupar nesta mesma rede relacional.

As teorias sexuais infantis nos permitem supor que, antes da constatação da diferença entre os sexos propriamente dita, o eu pode prescindir da ferida em sua pretensão unitária, construindo sentidos para a diferença entre meninos e meninas de modo a não haver perda alguma. A percepção de um *popô da frente* nas meninas não é exatamente o reconhecimento de um sexo genital feminino em sua especificidade, ou em sua efetiva diferença em relação ao outro órgão sexual supostamente mais conhecido, o pênis.

Não havendo desde sempre o reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos, as crianças, em suas teorias sexuais infantis, operam um deslizamento de significantes de um corpo masculino para um feminino, efetuando a ilusão de que não haveria limites ou cortes para os contornos de suas próprias constituições identitárias. Os bebês nascem pelo ânus, as vaginas são pênis pequenos, meninos e meninas estão inseridos num plano único, que é o da possibilidade da equiparação. Quando da constatação da diferença anatômica entre os sexos, o que se opera é uma

grave ferida narcísica, uma perda. O sexo, enquanto marca da diferença, implica a perda da ilusão de que se poderia ser, simplesmente, passando-se o sujeito a perceber-se *não sendo como um outro*, e tendo de delimitar o que se é numa relação de diferenciação em relação a este outro, bem como de semelhança em relação a um outro que lhe sirva como suporte de sua própria imagem.

Freud (1914) afirma que os distúrbios aos quais o narcisismo de uma criança se encontra exposto, bem como os modos como se protege deles são concernentes ao complexo de castração.

A condição narcísica primária, suposta, é a de um eu ideal, ainda imune às perdas implicadas no complexo de castração. Freud (1914) parte para as considerações a respeito de como a condição narcísica permaneceria vigente, mesmo após os graves entraves que a constatação da diferença entre os sexos impõe ao eu ideal, que não se sustenta, porque ferido em sua pretensão, em sua (des)idealização.

O eu ideal se mantém enquanto um parâmetro segundo o qual o próprio eu se mediria, passando o eu, não sendo mais ideal em si, a se medir de acordo com um ideal para si, o ideal do eu.

Identidade sexual e a condição anatômica do sexo: identificações e bissexualidade

O conceito de identidade é extremamente problemático na psicanálise, justamente pelo caráter não unívoco do eu, bem como pela sinuosidade que caracteriza a própria diferença entre os sexos.

A questão que interessa discutir é a da concorrência entre duas disposições psíquicas que atravessam o eu em sua constituição: a da monossexualidade, servindo-se o eu de uma referência de concordância ou aderência a um dos sexos, pela renúncia em relação ao outro, e a bissexualidade, restando inevitavelmente a concomitância entre identificações parciais tanto em relação ao sexo feminino, quanto ao sexo masculino.

Seria excessivo afirmar que não haveria relação alguma entre a constituição dos processos de subjetivação e a condição sexuada do corpo humano em seu estado somático, bruto e concreto. A questão que se impõe é a da problematização dos processos que se colocam em jogo na disjunção própria ao humano entre sua condição somático-corpórea e sua também condição psíquico-representacional.

Como dito, o desamparo do bebê humano o relega à dependência do outro na sua constituição, e o outro humano não é unívoco: invariavelmente a diferença entre

os sexos se apresenta como situação humana, amparando-se o sujeito humano em sua constituição à dupla referência dos sexos. Não se restringindo à determinação biológica, a psicosexualidade implicaria a assunção aos dois sexos, já adentrando o universo simbólico, parâmetro para os sentidos a serem construídos no processo do vir-a-ser humano.

Joyce McDougall (1973) propõe o estatuto de profantasia ao *ideal hermafrodita*, ou à *ilusão bissexual*. No Édipo, o que estaria em jogo para McDougall (1997) seria justamente o confronto com a monossexualidade, ou seja, a constatação do impossível desejo de ter e ser os dois sexos, tendo a criança que se posicionar em relação à diferença sexual. A ferida narcísica que destitui o eu de sua pretensão ideal é instituída no Édipo, como momento privilegiado em que o sujeito humano se posiciona em relação à diferença entre os sexos, restando da travessia edípica a instituição do ideal do eu, o que permitirá que o sujeito, ainda que gravemente ferido, persista em sua busca de realização, mesmo balizado pelos limites impostos por sua condição sexuada.

Monossexualidade e bissexualidade, portanto, seriam condições concorrentes: ainda que a instituição da *identidade sexual*² implique uma grave ferida narcísica e a perda da ilusão bissexual, tendo o sujeito humano que se haver com o fato de ser sexuado numa relação de diferenciação em relação ao outro sexo, ainda assim a própria diferença entre os sexos, e não apenas um deles, é marca da constituição subjetiva. Freud (1923a) salienta que, ainda que o eu possa ser pensado como instância diferenciada do isso, não deixa de ser parte ou um precipitado do isso, sendo, em outras palavras, o isso parte do eu. As diversas moções pulsionais e identificações que compõem o isso não são elementos alheios ao eu, mas o compõem e lhe *dão corpo*.

É certamente árdua a tarefa egóica no agenciamento entre as disposições monossexuadas e bissexuais, ou entre sua pretensão narcísica de integridade e a pluralidade de moções e soluções parciais encontradas na experiência para lidar com a questão da diferença sexual. A falta de garantias quanto à imagem que poderia servir como cerne da pretensão identitária que o narcisismo implica ao instituir o eu, a vulnerabilidade desta imagem ao outro que se apresenta como sustentação da mesma, relega o eu a constituir sua imagem sem a garantia unívoca de a mesma ser condizente com a realidade anatômica do corpo sexuado.

Centremos agora nossa reflexão na questão da constituição do eu e dos

² McDougall (1997) adota o termo *identidade sexual* para se referir ao que Stoller (1993) denomina *identidade de gênero*, o efeito do processo de constituição de uma referência identitária ao eu, imerso na problemática da bissexualidade humana e das conformações da constelação edípica.

processos identificatórios no que implicam em uma distinção entre uma auto-referência e um objeto externo.

A partir de uma experiência de indiferenciação, ou, como sugere McDougall (2001), da matriz psicossomática formada pelo encontro dos corpos do bebê e sua mãe, a psique infantil operará uma progressiva diferenciação entre o corpo próprio e a representação de um mundo exterior. Central à constituição do sujeito psicosssexual seria sua relação com o outro.

A idéia de Stoller (1973, 1982) de que um dos momentos da constituição subjetiva é o que denominou *identidade de gênero nuclear* é interessante por nos fazer refletir o modo como essa imagem especular é *dada ao sujeito*, como que imposta pelo outro, prescindindo da determinação biológica o estabelecimento da impressão (de início) não conflitiva de ser homem ou de ser mulher. A identidade de gênero nuclear seria constituída na base do apoio no olhar do outro, no que fora marcado enquanto possibilidade de representação de si.

O próprio Stoller (1973) nos recordará da condição de bissexualidade psíquica e nos disporá outros elementos que nos permitirão questionar o que gostaríamos de explicitar: a concepção identitária dos processos de subjetivação. Esses outros elementos, oferecidos pelo autor para explorar os efeitos da bissexualidade no humano, são a identificação precoce com a mãe e a confrontação da diferença entre os sexos, que o indivíduo terá de assumir e que poderá tornar conflitiva sua *identidade de gênero nuclear*.

Nosso objetivo é buscar articular de que modo a constituição do eu não se restringe a produções representacionais, estando ancorada no desenvolvimento libidinal, bem como implicando as interpelações que a condição somática impõe ao psiquismo. Isso leva a considerar a disparidade entre as identificações masculinas e femininas como efeito da imersão da criança na triangulação edípica, como já nos atesta Freud (1923a) com a proposição de que o Édipo seria completo (positivo e negativo). Ainda cabe recolocar em questão o modo como a referência somática permite sustentar ou questionar as identificações, dispondo o eu de uma flexibilidade que não se coaduna à idéia de unidade ou identidade.

O caso de Junior será apresentado em algumas vinhetas clínicas e servirá para que se perceba que o corpo resta sempre transbordante em relação à demarcação alcançada pelo trabalho do psiquismo, denotando esta hiância entre o corpo psíquico representado e justamente uma condição do corpo somático que se mantém estranha a essa imagem construída pelos recursos psíquicos.

Junior: identificações bissexuais como efeito da incorporação, no eu, dos objetos de amor

Junior vivenciava um corpo sexuado para o qual dificilmente se alcançava uma continência apaziguadora. A compulsão à masturbação cotidiana era-lhe um meio de evitar confrontar-se com o exercício da relação sexual, sempre marcada por um limite no gozo que Junior julgava insuficiente. A vida sexual, que, no entanto, não prescindia dos outros, era realizada prioritariamente num âmbito virtual, tão propício na contemporaneidade, o das relações na *internet*. A excitação vivida em seu corpo vinha a encontrar descarga, portanto, no próprio corpo, via masturbação, mas amparada em devaneios que lhe permitiam inventar-se, a cada vez, sempre buscando a construção de um personagem que pudesse proporcionar-lhe uma melhor compreensão do que é uma mulher e do que faz uma mulher gozar.

Na masturbação, Junior se punha a imaginar, ou a incitar suas parceiras virtuais a falarem, como é o prazer e o gozo da mulher. Engatava também freqüentemente em diálogos, com suas parceiras femininas virtuais, sobre o papel da mulher na sociedade, o que lhe é ou não dado a ser, sobre a privação que tantas sofrem pelo boicote operado pelos homens em não lhe proporcionarem o verdadeiro gozo, gozo esse que os homens tanto invejariam.

Na masturbação, Junior se punha a realizar em ato o gozo que fantasiava ser o gozo das mulheres.

McDougall (1973) discorre sobre a masturbação como processo, sendo, ao mesmo tempo, um ato e uma fantasia. O que a masturbação realizaria em ato é a ilusão bissexual, ou o ideal hermafrodita de completude narcísica. O que o ato masturbatório realizaria, num jogo erótico solitário, seria propriamente uma relação a dois, onde a mão teria o papel, no real, do sexo do outro, ou do sexo que é marcado como faltante no corpo sexuado daquele que se masturba. Na fantasia masturbatória, no entanto, esse sexo do outro pode estar imerso sob a barra do recalque, não havendo necessariamente no cenário fantasístico a presença de personagens de ambos os sexos, sequer da referência às genitálias, prestando-se a masturbação a acolher a parcialidade das zonas corporais anteriores à organização genital, bem como a promover deslocamentos os mais variados, tais como os operados nos sonhos.

Ainda que reconheça essa multiplicidade de enredos fantasmáticos sustentados no ato masturbatório, McDougall (1973) insiste na idéia de que a mão permite restituir o sexo que falta ao masturbador numa relação sexual imaginária. Para McDougall (1973), a masturbação teria algo a ver com o jogo de carretel

em termos de dinâmica³. A partir da introjeção da imagem da cena primária, que implicaria a constatação da diferença sexual, a criança da fase fálica (que permanece no adulto) pode oscilar entre identificar-se com o pai e com a mãe, transitando entre os dois sexos, se apropriando da cena da relação sexual de início traumática para dela usufruir na realização de moções pulsionais diversas, superando a angústia de castração por meio da criação de significações diversas para a relação sexual.

McDougall (2001) considera que a cena primária implica também aspectos não genitais, anteriores aos conflitos fálico-edipianos, podendo a cena ser descrita em termos pré-genitais, com fantasias orais-eróticas e orais-devoradoras, anais-eróticas e anais-devoradoras, fantasias arcaicas de trocas vampirescas, confusões bissexuais e mesmo o temor de perder os limites da própria identidade e da representação dos limites corporais.

McDougall (1999) sugere que, antes da fase psíquica fálica-edipiana, a cena primária é imaginada segundo os recursos da pré-genitalidade. É assim que a criança supõe estar em jogo, entre os pais, trocas urinárias, fecais, anais-eróticas e mesmo fantasias de mútua devoração. Se esses elementos não forem passíveis de serem integrados no erotismo adulto genital, McDougall (1999) alega serem necessárias soluções desviantes ou neo-sexuais a fim de realizarem as relações sexuais e amorosas. Esse fracasso a que alude McDougall (1999), o compreendemos como a não possibilidade de significar as trocas sexuais entre os pais em termos da diferença sexual, permanecendo a ilusão fusional de que um e outro poderiam se misturar na devoração, por exemplo.

Refletindo sobre a multiplicidade de enredos passíveis de tecerem a fantasia implicada no ato masturbatório, McDougall (1973) considera que, na criança incestuosa da fase edipiana, estão acolhidas a criança ávida da fase oral, bem como a avara da fase anal. Todos esses fantasmas se integram na cena primitiva criada pela criança, sendo que as zonas e funções do corpo receberiam, *só depois* do efeito da fase fálica, qual seja, o reconhecimento da diferença entre os sexos, uma significação profundamente bissexual.

Ainda que McDougall (1997) suponha uma *identidade sexual*, a problemática da diferença sexual e as dificuldades implicadas no processo de elaboração e significação desta diferença através da experiência libidinal impõem que a própria anatomia, os fragmentos ou partes do corpo podem apoiar experiências as mais variadas, que se associam a traços de homens e mulheres, do pai e da mãe, à masculinidade e à feminilidade.

³ O jogo de carretel foi mencionado por Freud (1920) para explicitar o modo como a criança, por meio do brincar, reedita a experiência dolorosa da ausência materna, de modo que, passando da posição passiva à ativa, supera a dor da perda pelo usufruto da simbolização da experiência.

McDougall (1973) sugere que a masturbação realiza inconscientemente a união ao outro sexo da forma menos abstrata e mais corporal possível. O masturbador denuncia sua liberação dos limites implicados na monossexualidade e de sua dependência do outro enquanto lugar do desejo.

Junior busca atendimento analítico em função de uma dificuldade em urinar, sendo esse um sintoma sobredeterminado que, assim como o ato masturbatório, implica a incidência de identificações bissexuais. Havia uma dificuldade cotidiana em urinar, tanto pelo constrangimento vivenciado nos banheiros públicos masculinos, onde a imagem do seu órgão genital se dispunha à publicidade, quanto pela demora em conseguir liberar urina, sendo a micção acompanhada de dor. O órgão sexual lhe era freqüentemente incômodo.

As irmãs de Junior relatavam terem sofrido abuso sexual do pai, quando pequenas. Junior mesmo havia sofrido abuso da parte de um homem, funcionário da empresa do pai. A cena sexual infantil o impeliu a diferenciar-se dos homens no corpo sexual, seu órgão sendo muito diferente e menor do que o daquele que houvera tocado. Falas referentes à pequenez do pênis eram freqüentes na análise. Acompanhava-o também uma curiosidade quanto aos corpos masculinos, que buscava observar nos transeuntes, bem como em pornografia via internet. Diante do espelho, Junior olha seu corpo e não vê o pênis, alucinando negativamente o órgão.

No decorrer do tratamento, Junior passou a se perguntar insistentemente se não haveria ele mesmo sido abusado sexualmente pelo pai. Suas irmãs, meninas, o foram. Ele, por ser menino, não haveria de ser abusado, desejado pelo pai? Junior figura seu corpo na diferenciação em relação ao corpo dos homens, aproximando-se da imagem feminina. Ainda que em certas ocasiões não pudesse compor a imagem que Junior fazia do próprio corpo, mesmo negativado na alucinação, o pênis existia concretamente, insistindo em comparecer nas dores e nas excitações cotidianas.

Essa identificação à feminilidade pode ter sido constituída como resposta ou solução à moção pulsional relativa a um desejo em relação ao pai e um modo de se fazer objeto de desejo do pai. Para ser objeto deste pai, haveria de se aproximar das meninas, das irmãs. Ainda que a representação imaginária (ou alucinada?) do próprio corpo pudesse aproximá-lo desta imagem feminina, a identificação encontrava impasse no próprio corpo de Junior, que insistia em não ser redutível à imagem que dele se construía nessa identificação. Ainda, o órgão poderia lhe servir aos mesmos propósitos, não sendo apenas empecilho. Esporadicamente envolvia-se em práticas homossexuais, deixando-se desejar por outros homens, fazendo-se objeto do desejo de um homem. Nestas situações, o órgão *voltava a existir* na feleção.

Apesar de vários episódios da análise terem confirmado a premência da

identificação feminina de Junior, cabe ressaltar que também estavam em jogo identificações masculinas, seja em relação ao pai, seja em relação ao homem adulto sedutor. O sintoma masturbatório, por exemplo, se prestava a não apenas assegurar-se do porte do órgão, bem como a fazê-lo crescer (começou a se masturbar puxando o pênis para que crescesse). Ainda, a dificuldade em urinar era acompanhada pela estimulação do pênis à micção, no mesmo ponto em que friccionara o pênis do adulto sedutor. Junior tornou-se ele mesmo pai no decorrer do tratamento.

A hipótese do desejo em relação ao pai se sustenta em alguns episódios narrados pelo paciente, bem como por situações transferenciais, em que se pôde perceber a atualidade desta moção pulsional. Junior, depois de passar alguns dias hospedado na casa do pai, discorre sobre sua dificuldade em lá dormir de bruços, por recear sofrer abuso sexual. Este *receio* passa a ser recorrente, mesmo após sua estadia, sendo relatadas várias situações em que, de cuecas ou nu, não conseguia dormir, apreensivo, de bruços. Na análise, Junior relata angústia e tontura, alegando ser muito estranho e difícil falar ali, eu ficando *por trás* dele.

No decorrer do tratamento, a queixa referente às dores e dificuldade em urinar se associam a um novo elemento, que Junior afirma ser atuante desde a infância. Relata não tratar as hemorróidas para *manter-se protegido contra a homossexualidade*, sentindo-se impedido de estabelecer relações anais. No entanto, estas mesmas hemorróidas lhe permitem se perguntar se acaso não haveria o pai introduzido o dedo em seu ânus na infância, já que Junior dormia algumas vezes em sua cama quando pequeno. A convivência com as hemorróidas lhe era tranqüila. Nada que indicasse um excesso ou a falta de alguma coisa (como no caso do pênis). Ter um ânus, se perceber tendo um ânus, era-lhe mesmo reconfortante, condizente com sua identificação feminina, o corpo confirmando a identificação. O gozo da mulher, a que se referia como invejável pelos homens, era, segundo Junior, o gozo anal, que os homens nunca poderiam usufruir devido à moral, aos preconceitos referentes à homossexualidade.

Em *O ego e o id*, Freud (1923a) apresenta a tão conhecida proposição de que “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (p. 39). O eu seria uma conquista do aparelho psíquico a partir da qual ao corpo fragmentado pela pulsionalidade anárquica se ofereceria uma delimitação. Neste mesmo texto, Freud (1923a) indica que a identificação desempenha papel fundamental na constituição do eu, sendo a partir dela que o mesmo se edifica, encontrando uma base para a constituição da noção de unidade corporal.

Ainda, a identificação vem indicar uma alteração fundamental à qual o eu é submetido, sendo a substituição de um modo de investimento objetal outrora

atuante e por ora impedido. Freud (1923a) sugere que um objeto no qual se investia libidinalmente é substituído por uma identificação, integrando-se ao eu. Quando da necessidade do abandono de um objeto, portanto, operar-se-ia uma alteração do próprio eu, através da instalação do objeto em seu interior. Segundo Freud (1923a) “é possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto” (p. 42).

Gostaríamos de ressaltar a idéia de que o eu se formaria à imagem e semelhança do objeto de amor, sendo o narcisismo um processo de forjamento de uma referência sustentável e relativamente garantida de satisfação, caminho já dado, na experiência, para os investimentos libidinais, para os escoamentos pulsionais. Mas cabe indicar que essa imagem forjada de auto-referência, construída especularmente, é um recurso precioso do aparelho psíquico, já que propõe ou promete a estabilidade de modos de investimentos libidinais assegurados e, portanto, ordenadores. A imagem forjada que é o eu implica na possibilidade de estabelecer vínculo de amor, remeter o investimento sexual ao outro, hetero-orientando a libido, através do reconhecimento da alteridade, que permite o investimento de moções pulsionais variadas e parciais num mesmo canal de escoamento, na base de uma relação de objeto total a objeto total.

Segundo a suposição de que a identificação seria a acolhida do objeto de investimento libidinal, erótico, de amor, no próprio eu, podemos supor que a identificação feminina de Junior, além de indicar uma tentativa de posicionamento dele mesmo na cadeia dos objetos de investimento do pai, poderia estar indicando um desejo mais arcaico, referente a outro objeto, que estaria encoberto. A mãe não ganhava muito espaço nas narrativas de Junior, assim como também as irmãs, a não ser para remeterem a uma lembrança ou impressão em relação ao pai.

No entanto, Freud (1923a) indica também a identificação como alternativa à possibilidade de manter um investimento objetal impedido, mas viabilizado pela identificação a um sujeito que deteria a possibilidade de tal investimento. É desta forma que o menino, que supostamente desenvolveu um investimento libidinal em relação à mãe, encontraria resolução para o impasse decorrente do impedimento de tal investimento a partir de duas possibilidades: identificando-se com a mãe (acolhendo a mãe no interior do próprio eu), ou identificando-se ao pai (a um sujeito para quem este investimento objetal não está impedido).

A identificação, fundamentalmente, seria a manutenção da possibilidade de investimento fantasístico em um objeto de amor, a despeito de seu abandono enquanto investimento libidinal direto. Segundo Freud (1923a), seria o modo pelo qual o eu obteria controle sobre o isso, mas às custas de sujeitar-se às suas exigências. O investimento objetal se mantém, portanto, mas por uma via que exige

disfarce para que o eu permita sua admissão à (pré)consciência. A identificação seria esta via, uma via de manutenção possível do investimento nos objetos de amor primeiros e incestuosos.

O complexo de Édipo e o desafio da constituição do eu diante da castração

Freud (1923a) sugere ser a questão da identificação complexa e não linear por dois motivos. Primeiramente, pela sua relação com a triangulação edípiana. Com a postulação do complexo de Édipo completo, acolhendo o duplo investimento realizado pela criança, tendo ambos os pais como objeto de amor, não se faz mais possível falar em identificação, senão em identificações. Em segundo lugar, a disposição bissexual de cada indivíduo também resguardaria a complexidade da questão das identificações, não havendo a constituição de apenas uma imagem de demarcação para a experiência corpóreo-pulsional, senão ao menos duas, acolhendo no interior do próprio Eu a sombra de diferentes objetos, ou traços dos mesmos, que investiram e se fizeram investir libidinalmente pela criança.

Freud (1923a) afirma que “pareceria, portanto, que em ambos os sexos a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é o que determina se o desfecho da situação edípiana será uma identificação com o pai ou com a mãe” (p. 45).

Podemos pensar que, no caso de Junior, a posição passiva na cena de sedução, ou a apreensão da lógica da castração segundo o prisma do não-fálico, teria surtido um efeito na determinação da identificação que desempenharia nele um papel preponderante. Cabe salientar que, na concepção freudiana, a constituição psicosexual é efeito da experiência, sendo a preponderância de uma identificação não determinada pela condição anatômica do sexo, mas pela experiência transcorrida na história relacional da criança com os outros.

Freud (1924), em *A dissolução do complexo de Édipo*, afirma que “a anatomia é o destino” (p. 197). Como compreender esta asserção, tendo o mesmo autor explicitado que a diferença anatômica não asseguraria as vicissitudes do desenvolvimento psíquico? Podemos pensar que a condição anatômica do sexo não seria diretamente determinante nas escolhas objetais e, conseqüentemente, nas identificações, no sentido de uma lógica linear segundo a qual meninos, por um lado, e meninas, por outro, teriam seus objetos assegurados e previamente supostos pela sua condição genital.

No entanto, esta é uma afirmação freudiana que merece a devida atenção.

A anatomia é destino. A anatomia de cada um é destino, sendo o corpo anatômico suporte para identificações. O caso de Junior é exemplar. A experiência de Junior de seu próprio corpo anatômico (seu pênis de menino) serviu de suporte para que, diante do adulto (homem cujo órgão notadamente diferia do dele), se estabelecesse um posicionamento em relação à diferença sexual, posicionamento este que ganha força de determinação no desfecho do complexo de Édipo, na constituição de sua identificação preponderante.

Retomemos a indicação freudiana de que dois fatores complexificam a questão das identificações. Primeiramente, detenhamo-nos sobre a condição bissexual originária. A partir da suposição de uma disposição bissexual, Freud (1905) estaria explicitando as conseqüências da condição pulsional do homem no que concerne à escolha de objeto. Não haveria objeto determinado *a priori*, sendo característica fundamental da pulsão a abertura quanto aos objetos e aos modos pelos quais encontraria satisfação. De início, e em última instância, insuperavelmente, a condição pulsional humana impõe a abertura, o não asseguramento do caminho direto de resolução da excitação, o caráter sempre precário dos objetos, sempre oferecendo soluções apenas parciais de descarga, nunca vindo ao encontro da exigência pulsional.

As identificações seriam conquistadas do aparelho psíquico em oferecer integração às pulsões disruptivas, dispersas, fragmentárias, a partir do estabelecimento de um modelo de investimento objetual organizador. Ou seja, provavelmente o apoio da identificação no corpo somático não se restrinja à experiência do próprio corpo, mas também na condição corpórea daquele outro que serve de base e fundamento para a instituição da imagem de si ou do eu.

Em segundo lugar, detenhamo-nos justamente na questão da dupla identificação decorrente do complexo de Édipo completo. Ainda que o aparelho psíquico tenha alcançado esta possibilidade de organização às pulsões, a própria condição de que a identificação seja plural (ao menos duas) indica que a identificação não oferece solução cabal, sendo insuficiente para dar conta de demarcar a dispersão instaurada pela condição pulsional originária.

As identificações, no plural, viriam responder a moções pulsionais diversas, agenciando, paralelamente, processos libidinais distintos, concorrentes. Além da concorrência de moções pulsionais antagônicas, gostaríamos de indicar a própria tensão entre a(s) identificação(ões) e a experiência do corpo somático, que resta sempre excessivo diante das representações psíquicas. Haveria, fundamentalmente, uma inadequação entre a representação do corpo implicada na identificação, entre a imagem do corpo erigida pela identificação na constituição egóica, e a condição somática, que exige trabalho ao psiquismo.

A pluralidade das identificações vem dar prova desta inadequação ou disjunção, da não demarcação total do corpo, que resta excessivo, transbordante em relação às identificações, que seriam soluções apenas parciais, demarcações parciais.

Junior, além de apresentar, em sua constituição psicosssexual, paradoxos instaurados pela hiância entre identificações díspares, dá sinal de tensão entre, propriamente, suas identificações femininas e masculinas e sua condição somática. O fato de anatomicamente ser do sexo masculino não garante que a identificação masculina não esbarre, justamente, num limite imposto pelo seu próprio corpo sexuado (meu pênis não é como o deles).

A castração é um processo, ao mesmo tempo, drástico, e sutil. É no corpo sexuado que incide a castração, ou a constatação de uma perda ou dano irreparável em relação à imagem suposta de um eu ideal. O corpo não restaria sempre, a despeito das identificações, incômodo, exigindo trabalho psíquico, colocando mesmo em questão a pretensão narcísica de unificação, indicando um impasse implicado nas identificações? O pênis de Junior, incômodo a ponto de se tentar anulá-lo (na representação do corpo, no seu *não existir*, impedindo a passagem da urina), não deixa de se fazer presente, pulsante na excitação e nas dores, o soma impelindo o trabalho psíquico. O corpo restaria sempre como o estranho, este duplo que ora espelha ora desmente a imagem de si.

A materialidade do corpo somático se mantém como parâmetro para a constituição de destinos psicosssexuais de satisfação, oferecendo anteparo para inscrições, traços, e representações de experiências vivenciadas de satisfação no encontro com objetos, sendo estes traços a matéria mesma do psiquismo. O eu, sendo uma instância do aparelho psíquico, se constitui através destas marcas da experiência relacional da criança diante de referências de masculinidade e de feminilidade nos objetos que se prestaram aos investimentos e mobilizações libidinais ou amorosas.

Hermafroditismo, monossexualidade: a teoria bifásica da sexualidade e a questão da puberdade

Freud (1905), ao apresentar sua teoria da sexualidade, estabelece três eixos de sistematização de questões próprias à vida sexual humana. Discorre sobre as aberrações sexuais, indicando como a constituição humana enquanto processo de constituição psicosssexual implica numa ampla variabilidade de arranjos relacionais,

bem como das práticas eróticas, desde que se conceba a sexualidade como não restrita à condição reprodutiva.

No segundo de seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905) reconhece e propõe discutir as características da sexualidade infantil, bem como o caráter polimorfo-perverso e parcial da sexualidade humana para além da fase da infância. Ao desvincular a sexualidade humana da lógica reprodutiva, Freud (1905) nos permite considerar outras facetas da sexualidade, modos de satisfação não diretamente relacionados aos interesses reprodutivos, bem como reconhecer que soluções plurais são encontradas pelos humanos, em suas experiências, para lidar com a abertura radical da pulsão, bem como com a lógica relacional que se estabelece na vivência do indivíduo com os outros.

Seu terceiro ensaio tem como título *As transformações da puberdade* (Freud, 1905) e trata do ensejo de compreender como, transcorrido um período de latência na sexualidade – como efeito da interdição operada sobre os modos de investimento libidinais incestuosos –, o púbere, impulsionado por uma exigência que sua própria condição somática lhe impõe, é lançado a construir modos de investimentos libidinais para além da situação edípica da primeira infância.

Este texto de Freud nos permitirá explorar questões fundamentais que nos auxiliarão a considerar como, a partir de uma disposição bissexual, a criança é levada, através de processos identificatórios e da travessia do Édipo, a consolidar um modo de relação com o outro, ou, dito em outros termos, um modo relacional de investimento para as moções pulsionais anteriormente largadas à parcialidade e ao desordenamento.

Nossa compreensão é a de que, em torno do referencial da diferença sexual e da condição monossexual decorrente da perda implicada na castração e na renúncia que marca a *dissolução* do conflito edípico, Freud indica uma certa diretriz para o que poderíamos, com reservas, afirmar ser um parâmetro para o estabelecimento de uma vida libidinal saudável, de uma constituição psicosssexual saudável.

Certamente não haveria como afirmarmos que a teoria freudiana sustentaria um padrão esperado para a constituição psicosssexual. A marca da pluralidade das possibilidades das constituições psicosssexuais já foi por nós adotada como fundamento, e, portanto, reiteramos a compreensão da inexistência de modelos, no humano, que estabeleceriam caminhos *corretos* nos processos de subjetivação.

Mas nos chama à atenção a preocupação freudiana em compreender quais as condições para que se efetive uma destinação à psicosssexualidade que entendemos ser, para o autor, fundamental, e que se organiza em torno da 1) organização da sexualidade em torno da genitalidade e 2) da escolha de objeto de investimento amoroso, libidinal, sustentada pelo processo de reconhecimento da alteridade.

Freud (1905), ao refletir sobre a constituição da escolha de objeto amorosa homossexual, ou do que se denominava no início do século XX *inversão*, supõe uma disposição bissexual no humano que sustenta em teorias biológicas da época. Apresentando a radical tese de que a inversão seria própria a pessoas que não apresentassem nenhum outro desvio grave da norma (aqui, Freud está se referindo à esperada escolha de objeto heterossexual), o texto freudiano avança no sentido de assumir a abertura radical das vicissitudes da pulsão sexual. Rompe, assim, com a possibilidade de uma demarcação estanque entre o que seria normalidade ou patologia e se apóia nos achados da biologia da época para sustentar um pressuposto que passa a adotar enquanto paradigmático em sua teoria da sexualidade: a disposição bissexual.

É assim que Freud (1905) afirma o caráter inato da bissexualidade, enquanto disposição, potencialidade, nas constituições psicosssexuais humanas. Não sendo o vínculo da pulsão a um objeto dado previamente, ou não havendo nada de inato na ligação da pulsão a determinados objetos, já que tal investimento decorreria da experiência, está aberto o caminho para a suposição de que, dada a variabilidade de ligações da pulsão aos objetos, deveria haver uma disposição inata que permitisse ao indivíduo investir homo ou heterossexualmente sua libido.

Em 1920, Freud introduz uma nota de rodapé aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) quando da consideração da questão da inversão, sugerindo a necessidade de distinguir os invertidos quanto ao objeto dos invertidos quanto ao sujeito, o que teria sido proposto por Ferenczi (1914) em seu texto sobre o homoerotismo. Ambas as questões, a da escolha de objeto de investimento libidinal e a da constituição de uma *identidade sexual* para si, pressupõem o que Freud alude como disposição bissexual: quanto ao objeto que se prestará ao investimento libidinal e quanto ao objeto que sustenta a imagem do que representa ser *si mesmo*.

Ao remeter esta discussão ao parâmetro da bissexualidade psíquica, Freud (1905) permite a consideração de que o objeto da pulsão não é dado naturalmente, e podemos afirmar que tampouco a *identidade sexual*, a imagem adotada para significar sua própria condição sexuada, seria dada biologicamente ou pela conformação anatômica do sexo.

Torna-se interessante, no entanto, explorar as considerações freudianas da bissexualidade segundo o parâmetro da biologia, ou do que aparece no texto também sob o termo *hermafroditismo*. Green (2000) nos chama à atenção que a recorrência ao biológico em Freud seria sempre aporética: a experiência chegando ao limite, a teoria precisa de um apoio para se lançar adiante.

Freud (1905) parte da condição hermafrodita somática para afirmar que do hermafroditismo se depreenderia “uma predisposição originariamente bissexual,

que, no curso do desenvolvimento, vai-se transformando em monossexualidade, com resíduos ínfimos do sexo atrofiado” (p. 134). Ainda que faça ressalvas sobre a transposição do hermafroditismo somático ao psíquico, afirmando não poder se fazer um estreito paralelo entre ambos, Freud (1905) sustenta a idéia de um hermafroditismo somático no humano para fundamentar sua tese da disposição bissexual ou do hermafroditismo psíquico.

Afirma (Freud, 1905) que “em geral os caracteres sexuais secundários e terciários de um sexo aparecem com muitíssima freqüência no outro; são, portanto, indícios de hermafroditismo [...]” (p. 134-135), mas independentemente destes traços bissexuais somáticos a determinação da escolha de objeto invertida.

Esta característica hermafrodita que é apresentada como própria aos corpos humanos é muito interessante, pois nos permite recordar a força das teorias sexuais infantis e como a transposição de características sexuais de um para outro sexo, permitindo um trânsito entre ser como um homem e ser como uma mulher, tem efeitos psíquicos no indivíduo que se constitui.

Corpos sexuados diferem radicalmente em suas condições anatômicas genitais, mas as partes do corpo e até mesmo os caracteres sexuais secundários podem ser equiparados, aproximando e mesclando características de ambos os sexos no corpo de cada um dos sexos. As crianças podem, portanto, sustentar identificações bissexuais, bem como significarem seus próprios corpos segundo o duplo parâmetro dos sexos. No caso da confusão cloacal, por exemplo, o deslizamento do genital feminino para o ânus permite supor a possibilidade de ambos os sexos gerarem bebês, já que o ânus remete à *saída*, ampliando sua significação enquanto orifício. Os meninos podem se imaginar gerando e dando a luz a bebês, levantando teorias que se sustentam em suas próprias experiências do corpo, incluindo aí sua dimensão somática.

Estas digressões operadas como efeito da ignorância da diferença sexual, ou como denegação desta diferença, encontram em seu processo duas condições determinantes a que Freud (1924) nomeou complexos: os complexos de castração e o de Édipo.

Estando articulados, o complexo de castração é efeito do reconhecimento da diferença entre os sexos, o que acarreta uma perda narcísica, restando a criança sexuada, partida. O complexo de Édipo agencia o processo de elaboração da angústia de castração através de balizas que oferecem à criança, nas diferentes posições incorporadas pelas imagens parentais, referências para a significação de suas próprias condições e das suas posições diante dos outros.

Para Freud (1905), como já dito, a disposição bissexual, ou hermafrodita, inata, vai se desenrolando na direção da monossexualidade. A castração impõe

a marca da diferença sexual enquanto um dano à pretensão narcísica de unidade e auto-suficiência, e a travessia do Édipo leva a criança a se posicionar diante da diferença sexual, assumindo uma imagem (o eu como imagem do corpo, ou como efeito das imagos parentais incorporadas) e uma disponibilidade a investir amorosamente em objetos, também representados, que podem ser de um ou de outro sexo.

Green (2000) busca enfatizar uma direção apontada pela teoria freudiana para a psicosssexualidade, que indicaria uma maior complexidade dinâmica alcançada pelo aparelho psíquico. Recusa, no entanto, uma conotação desenvolvimentista aos processos de subjetivação, reiterando a característica de sobreposição da organização genital da sexualidade às organizações pré-genitais, parciais e polimorfas.

Green (2000) sugere que a sexualidade auto-erótica tenderia a vir a alcançar a condição do amor de objeto e que, do sexual, fragmentário e disruptivo, se poderia desdobrar *Eros*. Sexualidade e *Eros*, no entanto, manter-se-iam distintos, sendo *Eros* tão somente a sexualidade integrada à psique. Os processos de constituição psicosssexuais formariam o que Green (2000) sugere serem *cadeias de Eros*. A psicosssexualidade se constituiria nos processo de encadeamento da sexualidade em seu aspecto polimorfo perverso, à sexualidade que visa o objeto de amor, *Eros*.

Ao se defrontar com o problema de ter de analisar a passagem da condição originária da pulsão ao amor, Freud, para Green (2000), indica um movimento realizado pela pulsão em sua meta de satisfação que dá provas de uma derivação, de uma diferenciação na condição da origem ao destino.

Para Green (2000), os conceitos de pulsão, sexual, *Eros*, são complexos e devem ganhar sentidos em suas articulações, sendo que tentativas de apreensão estática dos conceitos freudianos anulariam suas características marcantes de dinamismo, ou sua propriedade transformacional. O autor (Green, 2000) afirma que a pulsão, por exemplo,

[...] deve ser concebida como o desenvolvimento de uma força que não muda de natureza ao ser posta em movimento, mas que muda de estado à medida que o seu movimento a afasta do ponto onde, ao originar-se, ela deixa de poder ser concebida como a forma que então a tornava inteligível (p. 113).

Green (2000) nos permite explorar a idéia de uma certa destinação à psicosssexualidade, a partir de sua lógica das cadeias de *Eros*. Do auto-erotismo ao amor de objeto, o psiquismo opera uma transformação radical em suas possibilidades de efetivar destinos às pulsões sexuais, de início indeterminadas e

largadas à determinação da experiência.

A organização da sexualidade em torno da genitalidade, bem como a escolha de um objeto para investimento libidinal, requerem, ambos, o que Green (2000) sugere ser um conceito freudiano: *Eros*. Para o autor, *Eros* incluiria a dimensão do laço inter-humano na experiência da psicosexualidade. Sendo a libido a manifestação dinâmica da pulsão sexual na vida psíquica, *Eros*, ou os processos de ligação que o psiquismo constitui para dar caminho às pulsões, não coincide com o sexual, restando sempre, a despeito das demarcações ordenadoras que o psiquismo opera na dinâmica dos investimentos pulsionais, exigências somáticas que forcem, por pressão, o psiquismo a se constituir. O sexual é originário, podendo ser secundariamente integrado, até certo ponto, pelo psiquismo.

Para Green (2000), *Eros* faria referência aos processos de ligação, de conservação, de unificação às pulsões. *Eros*, força do vínculo, ligaria a psique aos objetos do mundo exterior, tornando-os internos, incorporando-os. A possibilidade de constituição de uma referência egóica seria, portanto, tributária a *Eros*, à efetivação de um laço de investimento libidinal que implique o sujeito e o outro, numa dinâmica que enreda os dois sujeitos do processo em uma só experiência compartilhada.

Sendo formado pelas representações das imagos parentais, ou pelo efeito das relações com as figuras parentais sobre a representação que a criança pôde fazer de si mesma, o eu sustenta o que Green (2000) alude por *dupla alteridade*.

Remetendo a complexificação dos recursos psíquicos à integração da sexualidade em torno de uma lógica ordenadora para os investimentos libidinais, a questão da diferença entre os sexos e do reconhecimento da alteridade retornam como centrais à nossa reflexão sobre os processos de constituição psicosexuais.

Esta *dupla alteridade* a que se refere Green (2000) remete à “alteridade manifesta do parceiro, necessária à realização do desejo, simultaneamente outro e estranho, e a alteridade interior ao sujeito” (p. 198).

Da situação edípica, o sujeito é levado a incorporar os objetos de amor incestuosos no próprio eu, como efeito da interdição ou do limite imposto a estes investimentos, seja por barreiras impostas pela realidade cultural, seja pelo processo de constituição de uma representação que a criança assume para si, que, como já afirmamos, implica em um dano quanto ao que é apenas uma suposição freudiana, um eu ideal ou o estado narcísico primário.

Para Green (2000),

Masculino e feminino aparecem, com efeito, como realidades a construir a partir de um imaginário simbólico [...]. Esse imaginário simbólico enxerta-

se, não só nos grandes acontecimentos da vida sexual, mas também no modo como eles tomam o seu pleno sentido – um sentido que será mais intuitivamente apreendido do que nitidamente percebido ou claramente concebido – quando ele tiver conseguido ligar em rede os constituintes da vida sexual. É reconhecida a sexualidade dos dois sexos, mas ela deve ser interpretada segundo uma perspectiva, simultaneamente, retrospectiva e prospectiva. De facto, a bissexualidade não pode ser definida apenas pela referência, no seio de cada um dos sexos, ao sexo do outro que ele continuaria a conter e com o qual se estabeleceriam trocas (p. 198).

Não se trata de estabelecer uma complementaridade entre os dois sexos em cada um dos sexos, mas de assumir que a bissexualidade, enquanto disposição, para Freud (1905), e mediação, para Green (2000), implica em relações de sobreposição e entrecruzamento entre os dois sexos, havendo de ser a própria significação da diferença sexual construída nos percalços das experiências libidinais.

Se a instituição do eu estabelece uma distinção entre o sujeito e os objetos que lhe seriam externos, diferidos, ainda assim se serve de identificações bissexuais em sua constituição, estabelecendo a dupla referência dos sexos uma diferença que não apenas é interposta entre o sujeito e o objeto, mas também uma diferença interna, que faz com que não seja possível sustentar uma imagem unívoca que represente a si mesmo.

A preocupação freudiana quanto à organização da sexualidade em torno da genitalidade, a nosso ver, vem endossar a centralidade da questão do reconhecimento da diferença entre os sexos nas constituições psicosssexuais, e a problemática da escolha de objeto de amor decorre das possibilidades dinâmicas que se abrem para os investimentos libidinais, segundo o parâmetro da diferença sexual.

O ensaio sobre a puberdade de Freud (1905) apresenta a tese do primado da genitalidade na vida adulta, bem como indica que a pulsão sexual, de início auto-erótica, adviria *altruísta*. A puberdade se situa no limite do que Freud indica por latência da sexualidade infantil, inaugurando uma segunda fase da sexualidade humana, decorrida já a fase da primeira infância.

Para Freud (1905), com a puberdade se estabelece uma nova condição em que os conflitos edípicos são relançados, podendo servir de apoio para a escolha de novos objetos de investimento, e a diferença sexual, que na primeira infância fora, de início, ignorada, e posteriormente marcada como um golpe narcísico, retorna enquanto questão central. Transcorrido o período de latência que marca o apaziguamento da atividade sexual, como efeito do interdito e do temor de castração, a condição sexuada do corpo do púbere o lançaria novamente a desbravar

caminhos de vazão para as excitações que o tomam, exigindo-lhe, a partir de sua constituição psíquica, efetivar investimentos libidinais segundo o referencial da diferença sexual e do interdito do incesto.

É diante da puberdade que a questão de uma suposta *identidade sexual* ganha espaço, o corpo somático exigindo posicionamentos por parte do sujeito, que passa a apresentar caracteres sexuais secundários que denotam o sexo do corpo anatômico. Para Chiland (2005), “a puberdade assinala o caráter definitivo do pertencimento ao sexo de atribuição” (p. 43) e, gostaríamos de frisar, coroa a condição monossexuada com a marcação da castração no próprio corpo.

Para McDougall (1997), a questão tanto das escolhas objetais quanto da constituição de uma referência identitária é complexa, e suas variadas possibilidades

[...] representam as melhores *soluções* possíveis que a criança do passado foi capaz de encontrar diante das comunicações parentais contraditórias a propósito da identidade de gênero, da masculinidade, da feminilidade e do papel sexual. Essas soluções são vivenciadas pela criança ou pelo adolescente como uma *revelação* de sua forma de expressão sexual, juntamente com o reconhecimento, às vezes doloroso, de que essa sexualidade é algo diferente da dos outros (p. 193, grifos do autor).

A puberdade impõe o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, bem como a maturação dos próprios órgãos genitais, tendo o púbere que se haver com exigências que sua condição somática apresenta como desafios à elaboração psíquica. Ainda que o adulto venha a alcançar um parâmetro ordenador para a psicosssexualidade, justamente em torno da genitalidade, o corpo resta como um conjunto de partes e fragmentos, sendo as próprias partes do corpo anteparos para representações e sentidos sobre a masculinidade e a feminilidade.

Para concluir: apontando novos desafios teóricos

Não havendo garantia de determinação do sexo anatômico para os destinos psicosssexuais, sustentando ambos os sexos aspectos masculinos e femininos em suas identificações com os outros sexoados, podemos supor que o estabelecimento de uma *identidade sexual* é extremamente problemático pela experiência humana ser, justamente, não unívoca.

Podemos supor que, nos casos em que a identificação preponderante (ou *identidade sexual*, a convicção de pertencimento ao sexo masculino ou ao

feminino) não coincide com a situação anatômica do corpo sexuado, tais como casos de travestis e transexuais, a experiência relacional do infante dispôs as figuras parentais de tal modo que a estabilidade de uma imagem só pôde ser associada a um determinado sexo, tendo a criança que reconhecer-se na mesma a fim de estruturar uma representação relativamente coesa de si.

O questionamento da noção de identidade na compreensão da constituição do eu, através da explicitação da tensionalidade implicada na concomitância da pretensão narcísica integradora e da insuperável disposição bissexual humana, é fundamental para que se venha a compreender constituições psicosexuais que colocam em questão a naturalização da referência do sexo biológico nas destinações subjetivas. Desta forma, esperamos oferecer um instrumental teórico que contribua para a crítica à psiquiatrização patologizante que recai atualmente sobre a compreensão da problemática apresentada por travestis e transexuais, ao desnaturalizarmos as soluções psicosexuais encontradas, pelo humano, em lidar com a difícil questão da diferença sexual.

O caso de Junior, aqui apresentado, denuncia que, no humano, a bissexualidade psíquica fundamental e a desnaturalização do corpo sexuado implicam no acolhimento de desejo homossexual, bem como da identificação com ambos os sexos, independente do sexo anatômico, como estruturantes das soluções subjetivas e não como características patológicas ou desviantes de grupos específicos.

Abstract

Would it be possible to affirm the sexual identity? The ego between the narcissism and bisexual identifications

The author aim to put in question on this paper the idea of ego as a unity, considering narcissism and bisexual identifications. The notion of sexual identity is questioned by the idea of a somatic-psychic tensionality, bringing to consideration the role of alterity and of the sexual body on subjectivity processes. A psychoanalytic treatment is presented to evidence the relation of sexual body and the relational dynamic with the others on the signifying processes of sexual differences.

Keywords: Narcissism. Bissexuality. Sexual identity. Sexual differences. Identifications.

Resumen

Seria posible asegurar la identidad sexual? El yo entre el narcisismo y las identificaciones bisexuales

La autora elige como problema en ese artículo la noción de yo como instancia unívoca, en vista de la concomitancia entre la disposición al narcisismo y a las identificaciones bisexuales. Apoyada en la noción de tensionalidad somato-psíquica, cuestiona la idea de identidad sexual, reconsiderando el lugar del cuerpo sexuado y del otro en la determinación de los destinos de la subjetivación. El atendimento psicanalítico de Junior ilustra la vinculación del cuerpo sexuado a la dinámica relacional con el otro y los impactos de la experiencia relacional en el posicionamiento del sujeto delante de la compleja cuestión de la diferencia entre los sexos.

Palabras llave: Narcisismo. Bisexualidad. Identidad sexual. Diferencia sexual. Identificaciones.

Referências

- CHILAND, C. (2005). *O sexo conduz o mundo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- FERENCZI, S. (1914). O homoerotismo: nosologia da homossexualidade masculina. In: _____. *Obras completas: psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.117-129.
- FERREIRA, A. (1988). *Dicionário Aurélio básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p. 123-252.
- _____. (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 211-230.
- _____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1980, p. 77-113.
- _____. (1916-1917). Conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência XXVI: a teoria da libido e o narcisismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 16. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 481-502.
- _____. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-85.
- _____. (1923a). O ego e o id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 11-83.
- _____. (1923b). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 177-184.
- _____. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 215-224.

- _____. (1926 [1925]). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 79-171.
- _____. (1940 [1938]). A divisão do ego no processo de defesa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 309-312.
- GREEN, A. (2000). *As cadeias de Eros: atualidade do sexual*. Lisboa: Climepsi.
- LACAN, J. (1966). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 96-103.
- MCDOUGALL, J. (1973). L'ideal hermaphrodite et ses avatars. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. v. 7, p. 263-275.
- _____. (1997). *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1999). Teoria sexual e psicanálise. In: CECCARELLI, P. (org.). *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta, p. 11-25.
- _____. (2001). Um corpo para dois. In: MCDOUGALL, J. et. al. *Corpo e história: IV Encontro Psicanalítico D'Aix-En-Provence, 1985*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 9-45.
- STOLLER, R. (1973). Faits et hypothèses: un examen du concept freudien de bisexualité. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. v. 7, p. 135-155.
- _____. (1982). *A experiência transexual*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1993). *Masculinidade e feminilidade: apresentações de gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- WINNICOTT, D. (1975). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, p. 153-162.

Recebido em 28/05/2007

Aceito em 22/08/2007

Tatiana Lionço

SQN 105/306 Bloco F – Asa Norte

70734-060 – Brasília – DF – Brasil

e-mail: tlionco@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA